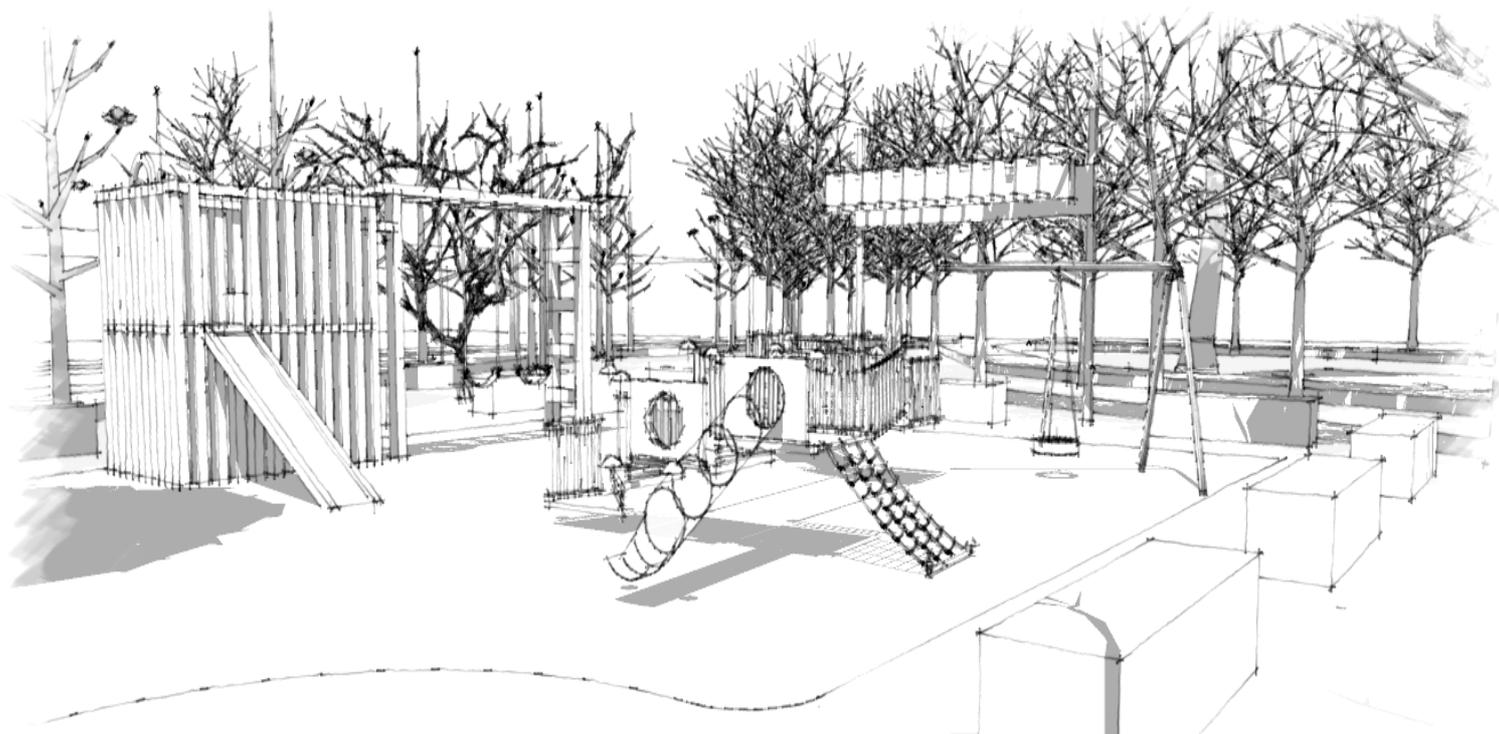


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NAYANNE BARROS FEQUES

**ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DO ENTORNO DA
PRAÇA MARIA ARAGÃO**



São Luís

2011

NAYANNE BARROS FEQUES

**ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DO ENTORNO DA
PRAÇA MARIA ARAGÃO**

Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Jussara Martins Nogueira

São Luís

2011

NAYANNE BARROS FEQUES

**ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DO ENTORNO DA PRAÇA
MARIA ARAGÃO**

Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 13/04/2011

BANCA EXAMINADORA

Profª Jussara Martins Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Profª Marluce Wall (Avaliadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Arq Ianapaula Oliveira (Avaliadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé e sabedoria.

Aos meus pais, Juracy e Eunice, pelo apoio e incentivo.

A minha tia, Maria José, pelo exemplo de vida.

Aos meus amigos e amigas, pela preocupação.

A minha orientadora, Jussara, pela amizade, dedicação e exemplo de competência.

“O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário.”
Albert Einstein

RESUMO

Este trabalho descreve a importância dos espaços públicos para as cidades contemporâneas e em especial para São Luís, enfatizando o lazer como necessidade básica do cidadão, através de pesquisas de caráter teórico e prático.

Os centros urbanos das cidades brasileiras vêm sofrendo abandono através dos vários níveis de inadequação e degradação dos espaços públicos. Nesta perspectiva Foi elaborada uma proposta de requalificação urbana que potencializa e requalifica a qualidade de vida dos usuários da área, com intervenções nas vertentes urbanísticas e ambientais, melhorando a atratividade e a urbanidade do entorno da Praça Maria Aragão.

Palavras-chave: espaços públicos, degradação, requalificação urbana.

ABSTRACT

This paper describes the importance of public spaces for the contemporary cities and in particular for São Luís, focusing on leisure as a basic need of the citizen, through researches of theoretical and practical character.

The urban centers of the Brazilian cities have been suffering neglect through the various levels of inadequacy and degradation of public spaces. On this view, was elaborated a proposal for urban renewal that potentiates and regenerates the quality of life of users of the area, with interventions in urbanistic and environmental aspects, improving the attractiveness and the urbanity on the surroundings of the Maria Aragão Square.

Keywords: public spaces, degradation, urban regeneration.

LISTA DE FIGURAS

	p.
Figura 01- Praça Maria Aragão	16
Figura 02 – Projeto original da Praça Maria Aragão.....	17
Figura 03- Praça Gonçalves Dias	29
Figura 04- Igreja dos Remédios.	30
Figura 05- Espaço Cultural.....	31
Figura 06- Paisagem Urbana São Luís	32
Figura 07 – Implantação Praça da Pampulha.	33
Figura 08- Praça da Pampulha.....	33
Figura 09- Implantação Parque Micaela Bastidas.	35
Figura 10- Implantação Parque Mujeres Argentinas.....	36
Figura 11- Piazza Matteotti.	36
Figura 12- Área de Intervenção	40
Figura 13- Mobiliário Urbano do Playground.....	40
Figura 14- Equipamento playground.....	40
Figura 15-Perspectiva Geral.	41
Figura 16 – Exemplo de banco.....	41
Figura 17 – Exemplo de aparelhos de ginástica.	42
Figura 18 – Exemplo de lixeira.	42
Figura 19 – Poste de Iluminação.	44

SUMÁRIO

	P.
1. INTRODUÇÃO	11
2. UM POUCO SOBRE O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS	14
3. PRAÇA MARIA ARAGÃO	16
3.1 Histórico	16
3.2 Monumento	16
3.3 Embargo	17
3.4 Entorno	18
4. RELAÇÃO ARQUITETURA E ENTORNO	19
4.1 Delimitação do Entorno	20
5. PAISAGEM URBANA	22
6. REQUALIFICAÇÃO URBANA	25
7. OBJETO DE TRABALHO	27
7.1 Áreas fronteiriças	29
7.1.1 Praça Gonçalves Dias	29
7.1.2 Igreja dos Remédios	29
7.1.3 Espaço Cultural	30
7.2 Análise da Paisagem Urbana	31
8. PROJETOS REFERENCIAIS	33
8.1 Praça da Pampulha	33
8.2 Parque Micaela Bastidas	34
8.3 Parque Mujeres Argentinas	35
8.4 Piazza Matteotti	36
9. A PROPOSTA	38
9.1 Mobiliário Urbano	41
9.2 Vegetação	42

9.3 Iluminação	43
10. CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	49

1. INTRODUÇÃO

Por um longo tempo, pouco ocorreu no campo do urbanismo e da arquitetura do espaço público, a rejeição à cidade e aos espaços públicos é uma explicação a esse fato. Outra justificativa é o rápido desenvolvimento do tráfego de veículos e a importância dada as rodovias e o transporte. Após a Segunda Guerra Mundial houve a necessidade de reconstrução das cidades, com rápido crescimento urbano o que significou outras prioridades aos planejadores urbanos e arquitetos.

O modernismo começou a ser desafiado e o debate público as questões de qualidade urbana, condições de vida na cidade, poluição, além da crescente inversão de ruas e praças urbanas pelo carro. A arquitetura do espaço público tem estado sob constante desenvolvimento, desde então inúmeros espaços públicos, novos ou renovados foram criados nos últimos vinte e cinco anos do século XX.

O interesse na recuperação da nova vida nos espaços públicos é uma idéia instigante. Vivemos numa sociedade na qual cada vez, mais a vida diária acontece na esfera privada, existem sinais claros que a cidade e os espaços urbanos receberam um novo e influente papel como espaço e fóruns públicos.

Durante os últimos anos, o interesse na vida e nos espaços públicos começou a crescer de novo, em geral como reação direta ao empobrecimento crescente das suas condições. Por isso, muitas cidades se esforçam para conceder aos pedestres melhores oportunidades.

A idéia do uso do espaço público como espaço social e recreativo cresceu gradualmente e foi reforçada com o passar do tempo. Muitas cidades européias continuaram a exercer uma tradição viva de uso dos espaços públicos para atividades sociais e recreativas. Ao longo das décadas de 60 e 70, uma quantidade crescente de ruas de pedestres e praças tranquilas foram construídas nas cidades européias e o interesse no transporte público, no uso de bicicleta contribuíram para utilização desses espaços.

A política de retirada dos carros e oferta de melhores condições para a vida urbana continua a ser principalmente um fenômeno europeu, mas é interessante notar que políticas públicas correspondentes podem ser agora encontradas em cidades de outros continentes do mundo. Por todo mundo, existem cidades desoladas, invadidas e abandonadas, que reagiram convidando os habitantes a usar e retornar aos espaços públicos. As cidades que recapturaram o espaço público tiveram políticas urbanas visionárias como segurança e mudanças nos padrões de tráfego, saúde pública, redução de ruído e poluição e esforços para fortalecer o

papel da cidade. Quando as visões e as políticas trabalham lado a lado para conseguir esses objetivos, é evidente que as cidades tornam-se melhores lugares para se viver.

O conceito para novos espaços públicos foram ampliados, antes confinados a estreitos interesses comerciais, passaram a possuir um foco muito vasto, criando espaço e condições para passeio, garantindo oportunidade de desenvolvimento para atividades sociais e recreativas.

Dentre os espaços públicos o principal é a praça definida “lugar intencional do encontro, da permanência dos acontecimentos, das práticas sociais, das manifestações de vida urbana e comunitária, do prestígio e das funções estruturantes e arquiteturas significativas. Trata-se de um elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano e da arquitetura e também o cenário, o espaço embelezado e a manifestação de vontade política e de prestígio” (LAMAS, 2004).

As praças se tornam importantes referências para o habitante ou visitante graças a sua legibilidade e à sua história, significando um espaço que organiza o tecido urbano a partir de um centro. Segundo ROBBIA E MACEDO (2002), “é possível destacar três valores fundamentais nas praças da cidade contemporânea: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos e simbólicos, esses valores se convertem em funções que as praças desempenham nas cidades, dentre eles estão: melhoria na ventilação urbana; melhoria da insolação de áreas muito adensadas; melhoria na drenagem das águas pluviais; importantes opções de lazer urbano e referenciais na paisagem da cidade”.

O arquiteto Oscar Niemeyer foi convidado para promover um espaço público, para demarcar na cidade de São Luís, um ícone da arquitetura modernista, porém o projeto não cumpre este papel e deixa de lado seu entorno degradado em condições precárias, divergindo da arquitetura predominante no Centro Histórico da cidade.

É possível notar, apesar de não ter dados concretos, que grande parte da cidade de São Luís não possui áreas urbanizadas, tratadas de forma adequada e prontas para o uso da sociedade, sendo assim, tendo como busca a melhoria de espaços públicos dentro de São Luís, será elaborado um anteprojeto de requalificação no entorno da Praça Maria Aragão no bairro do Centro Histórico.

Apesar de ser um espaço novo, apenas a Praça Maria Aragão recebeu benefícios, o seu entorno continua abandonado sem uso, sendo utilizado esporadicamente como estacionamento.

O anteprojeto terá como o objetivo, associar conforto ambiental, acessibilidade universal, desenho urbano adequado, diversificação social, respeito ao contexto em todo seu

entorno imediato, requalificando-o para que sua função seja desenvolvida de forma digna para seus usuários podendo desempenhar um papel importante para a sociedade ludovicense.

O principal foco do anteprojeto é a busca de um ambiente agradável, confortável, enfatizando a escala humana capaz de promover o convívio social e a diversificação através das misturas de usos. O conceito adotado foi a “emoldura verde” que vem para compensar a escassez de vegetação no projeto do Oscar Niemeyer, permitindo interação do usuário com a praça, além de convergir várias opções de lazer que atendam diferentes faixas etárias.

2. UM POUCO SOBRE O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS

São Luís é uma cidade com história e arquitetura singulares. O traçado urbano original dos séculos XVII e XIX confere a cidade uma beleza única, rica em detalhes que integram os inúmeros elementos arquitetônicos de seus mais de cinco mil imóveis.

Fundada por franceses, mantém características da arquitetura colonial portuguesa tendo o maior conjunto de casario azulejado da América Latina, é portanto uma cidade cujo acervo cultural serve de inspiração e estudos para o mundo.

Durante a década de 60, ocorreu o abandono do Centro Histórico de São Luís, juntamente com todas as tentativas de renovação desta parte histórica da cidade. Um grande marco na época foi a construção de três edificações verticais que acabavam com a linearidade horizontal da região central da cidade.

Já durante as décadas de 70 e 80, ocorre um imenso esvaziamento econômico e social da Praia Grande, levando os imóveis ao abandono e arruinamento. A ocupação dominante era de cortiços, o que levou ao colapso os serviços de infra-estrutura urbana, assim como a saída da iniciativa privada do bairro.

Durante muitos anos o Centro Histórico de São Luís concentrou atividades de bens e serviços, as pessoas deslocavam-se pela cidade e os bens eram transportados de um lugar a outro. No passado, quando quase todo esse movimento era realizado a pé, havia sempre um equilíbrio, os pedestres podiam andar até onde precisassem ir, encontrando gente, comerciando, conversando e apreciando a vista, tudo isso no mesmo passeio pela cidade. Os usos da cidade eram realizados simultaneamente no mesmo espaço público.

O declínio do Centro Histórico de São Luís se deu pela queda das atividades que eram realizadas dentro dele devido à mudança nos hábitos de parte da população, que foi morar em bairros afastados e passou a fazer compras no comércio próximo de casa ou em shopping centers. Tudo isso ocorreu a partir da expansão urbana para áreas mais distantes, dificultando de certa forma a utilização do centro da cidade para atividades que antes eram desenvolvidas nele.

Com o deslocamento da população para outras áreas da cidade, os bens e serviços antes oferecidos apenas no Centro de São Luís acabaram se deslocando para outros lugares, reforçando a idéia de que a ida a este bairro da cidade seria desnecessário para realização das atividades da sociedade.

No final dos anos 80, há o forte investimento do Estado na Praia Grande, recuperando a infra-estrutura e retomando as dimensões originais de ruas e calçadas. Logo em seguida há o Programa de Habitação do Centro Histórico com o intuito de incentivar a ocupação residencial da Praia Grande.

Estes projetos promoveram a volta do investimento privado e tombamento da área urbana do centro histórico. É sem sombras de dúvidas a maior etapa de investimento do programa que assegura a completa recuperação do bairro da Praia Grande, recupera redes de água, esgotos, energia elétrica e telefonia, pavimentação de ruas e calçadas.

O programa de revitalização do Centro Histórico tinha como objetivo conciliar as soluções necessárias para preservar o rico acervo de arquitetura urbana da cidade, resgatar as características urbanas que remontam a cidade pública. Assim, levam ao benefício direto e indireto de cerca de 15 mil pessoas residentes e trabalhadores na área de abrangência.

Em dezembro de 1997, esse acervo ganhou o reconhecimento da UNESCO, que concedeu o título de Patrimônio Mundial e tornou esta riqueza cultural e histórica um bem da humanidade.

O plano de revitalização realizado no Centro Histórico de São Luis se restringiu a intervenções pontuais em alguns edifícios. Com isto grande parte da área não recebeu o tratamento adequado, prolongando até os dias atuais o abandono dos espaços públicos, muita das vezes utilizados de forma esporádica e precária, atendendo à interesses de caráter privado, ao invés de beneficiar inúmeras pessoas com projetos de tratamento urbanístico adequado, reforçando o caráter coletivo das áreas públicas.

3. PRAÇA MARIA ARAGÃO

3.1 Histórico

O espaço onde está localizada a atual Praça Maria Aragão durante muito tempo foi utilizado como pátio de manobras da antiga Estrada de Ferro São Luís- Teresina, mas ficou sem utilização definida após a desativação da estação, tendo uma utilização de forma esporádica, servindo para equipamentos de diversão, tipo circos e parques. Em 1991, recebe o status de praça pública graças a uma intervenção que foi composta pela implantação de uma grande área gramada, espaço para estacionamento e um palco, onde foi instalado um painel em metal representando o poder da mulher maranhense. A Praça Maria Aragão homenageia uma importante ativista política maranhense.

Em 2001, é lançado o projeto de reforma da praça de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, onde as determinações técnicas foram finalizadas pelo escritório de arquitetura de Niemeyer no Rio de Janeiro e os projetos complementares ficaram a cargo das equipes da Prefeitura de São Luís.

3.2 Monumento

Obra de características modernistas marcantes, como uso do branco e traços leves, abrange uma área de 3.600 m². O memorial Maria Aragão é composto por um prédio de 2000m² em forma de uma pomba, que abriga o auditório com 54 lugares, três lojas, sanitários, escritório de administração e arquivo, um anfiteatro de 1.600 m² com palco de 900 m² e salas de área de apoio, o talude abaixo da mureta da Praça Gonçalves Dias ganhou jardins.

Por se tratar de um projeto do renomado Oscar Niemeyer, a Praça Maria Aragão, ressalta seu caráter monumental, tipologicamente ligada ao modernismo. O monumento vem como um marco dentro da cidade de São Luís, que se iguala a outras cidades brasileiras que possuem um projeto do Oscar Niemeyer.



Figura 01- Praça Maria Aragão
Fonte: Arquivo Pessoal

3.3 Embargo

Durante a construção da praça, o projeto original foi embargado pelo IPHAN, devido a altura da concha que obstruiria a vista do conjunto arquitetônico tombado em frente da praça Gonçalves Dias.

No novo desenho, Oscar Niemeyer diminuiu a altura da concha e criou um novo módulo oposto a mesma, com um bar, uma cozinha, sanitários e um estar público. Após uma série de negociações, para modificação e aprovação do projeto, entre o escritório do arquiteto Oscar Niemeyer, a prefeitura de São Luís e a Superintendência do IPHAN, juntamente com o Ministério Público Federal firmaram no dia 22 de janeiro de 2002, um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), onde nele estava descrito quais seriam as modificações feitas no projeto original da Praça Maria Aragão.

Dentre as modificações estavam: a inclusão de um anfiteatro a eliminação de uma rua e a abertura de outra rua. Todos estes itens assegurariam o afastamento do observador do monumento, para permiti-lhe a visibilidade do conjunto tombado da Praça Gonçalves Dias, previsto no Decreto - lei 25 que rege a não construção de qualquer edificação que impeça a visibilidade de um bem protegido por tombamento. Este afastamento seria forçado pela implantação de um jardim gramado até a distancia estipulada pelos estudos que foi definido na época da análise e aprovação do projeto, cuja execução ficou acordado no TAC (instrumento legal utilizado para determinados acordos entre partes, um dos lados sempre ocupado pelo poder público)

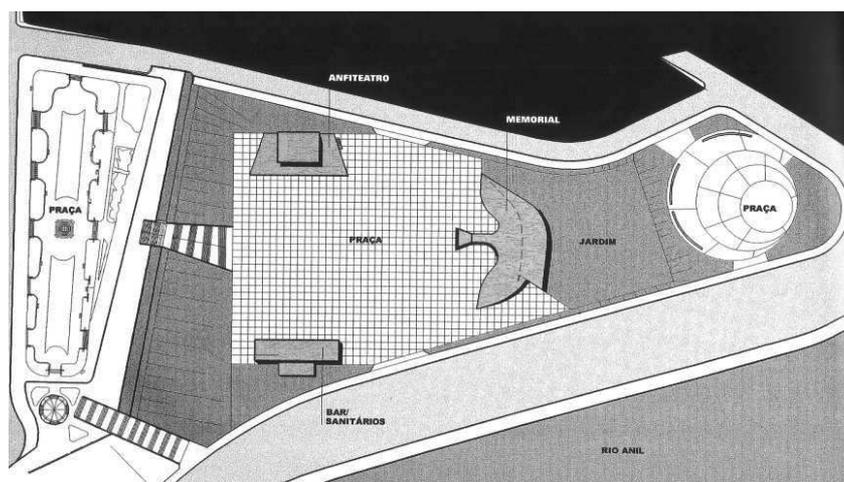


Figura 02 – Projeto original da Praça Maria Aragão.

Fonte: NIEMEYER (2005)

Porém, a situação que temos até a presente data, é que o Termo de Ajustamento de Conduta firmado, ainda não foi totalmente cumprido.

3.4 Entorno

Por estar inserida dentro do contexto histórico do Centro de São Luís, onde há predominância de tipologias de casarões e praças seculares que são tombados como patrimônio da humanidade, a Praça Maria Aragão destoa de todo entorno devido sua monumentalidade, não priorizando a escala humana e o conforto térmico de quem percorre sua extensão.

4. RELAÇÃO ARQUITETURA E ENTORNO

Segundo especialistas, no panorama atual existem somente dois tipos de arquitetura: a que se parece com um traje de bailarina flamenca, uma cordilheira ou um acidente ferroviário, e a que se parece a outras arquiteturas”.

A "arquitetura do espetáculo" se caracteriza pela complicação formal, excesso de elementos, gratuidade, uso de referências não-arquitetônicas e geometrias obscuras, resultando em objetos que têm pouca semelhança com edifícios e pouca relação com as atividades neles realizadas. Essa produção se apoia em um entendimento equivocado do que é criatividade em arquitetura, abrindo mão da habilidade de atender demandas reais bem delimitadas para se tornar algo ligado ao imprevisto, ao insólito e ao surpreendente. Está claro que esse fenômeno é um reflexo do momento cultural em que vivemos, dominado pelos valores da economia de mercado e pelos princípios da propaganda e do marketing, o que faz com que a arquitetura tenha passado a se preocupar mais em causar impacto visual do que em realmente servir à sociedade.

O que vemos atualmente é uma arquitetura que não apresenta nenhuma das características consideradas essenciais para superar a moderna, muito pelo contrário, em qualquer manifestação das estrelas mais fulgurantes do firmamento arquitetônico atual vamos encontrar o abuso das mais banais metáforas para explicar suas criações e a exaltação do novo como valor primordial.

Os principais problemas da “arquitetura do espetáculo” são : a exacerbação do caos visual que constitui a maioria dos contextos em que se insere; a sua falta de sistematicidade; a incapacidade de se incorporarem a entornos urbanos diversos, mas ordenados. Essa arquitetura é a total antítese da arquitetura como disciplina e ofício, baseada em um conhecimento que pode ser transmitido e apreendido. Nela não há valores universais nem critérios perceptíveis, impedindo o exercício do juízo estético por parte de um observador não intimidado por sua aparência.

Na "arquitetura de ofício" o lado criativo se revela como um modo superior de resolver, pela forma, os problemas práticos que definem um dado problema arquitetônico. O projeto é uma síntese formal dos requerimentos do programa, das sugestões do lugar e da disciplina construtiva e de sua plena historicidade.

Projetar é estabelecer relações entre as partes de um todo. Isso vale tanto para as relações internas quanto para as que cada edifício estabelece com seu entorno. A relação com o lugar é fundamental para a arquitetura, nenhum projeto de qualidade pode ser indiferente ao

seu entorno. A inserção de um edifício, conjunto de edifícios ou espaço aberto planejado em um sítio qualquer nunca se dá sem consequências importantes, pois a situação anterior é alterada em maior ou menor grau.

O século 20 foi didático em vários sentidos, mostrou a futilidade de buscar a forma arquitetônica na natureza, na filosofia, na matemática, na sociologia. E revelou verdadeira natureza da arquitetura moderna chamando atenção novamente para um modo de projetar que gera novo conhecimento a partir do existente. O que, em outras palavras, significa dizer que a verdadeira arquitetura só pode sair da própria arquitetura.

4.1 Delimitação do Entorno

A delimitação da área envoltória, a poligonal de entorno, é uma ferramenta essencial para o estudo da ambiência histórica e da visibilidade do bem patrimonial. Apesar da aplicação de medidas reguladoras de proteção - portarias de entorno, e de uma maior conscientização da sociedade, as áreas envoltórias ainda são tratadas com negligência.

O reconhecimento da importância do entorno dos monumentos está intimamente ligado ao reconhecimento do patrimônio ambiental urbano. A cultura da valorização dos bens históricos e arquitetônicos teve início na Europa de meados do século XVIII, quando o desenvolvimento dos métodos científicos para escavações arqueológicas e para datação dos vestígios possibilitou o estudo mais rigoroso dos monumentos. Já no século XIX surgem as primeiras propostas para a recuperação de monumentos, influenciadas pelo movimento romântico e as primeiras críticas à destruição da cidade medieval.

A destruição de edificações nos ambientes circundantes dos monumentos era um método da restauração estilística para conseguir a reintegração formal dos monumentos. Com isso, o espaço da cidade passa a ser objeto de planos reguladores de modernização e embelezamento que prometiam dotar de infraestrutura adequada e compatível a nova dimensão das cidades industriais.

A estreita relação entre o atributo da visibilidade e da vizinhança do bem fica evidente neste dispositivo. O emprego do termo vizinhança não abrange apenas edificações limítrofes ao bem tombado, mas pode ser empregado para o ambiente envoltório construído que guarda certa distância: o “entorno”. A noção de visibilidade, considerada individual, apresentava-se como chave para a proteção do entorno dos bens tombados. É apenas na década de 1980 que a idéia de “ambiência” fundamenta-se ao lado da visibilidade enquanto atributos a serem

observados dentro da malha urbana que envolve o bem protegido. Entretanto, não constam em documentos normativos federais de preservação cultural orientações no sentido de estipular uma metragem ou alguma referência quanto ao dimensionamento da área do entorno do bem tombado.

A ausência de critérios métricos gerou pontos positivos - uma vez que uma normatização mecanizada esvazia as peculiaridades espaciais e jurídicas do entorno de determinado bem - e negativos - já que não há rapidez para assegurar o reconhecimento legal do entorno em áreas de interesse e especulação imobiliária.

Os pontos negativos são reforçados pela não concomitância entre a inscrição do bem no livro do tombo e a determinação da delimitação e diretrizes de ordenamento do entorno.

Os estudos de delimitação de poligonais de entorno são essenciais para compreender o bem cultural e sua relação com o contexto urbano. Sua delimitação está diretamente relacionada ao desafio atual da conservação urbana integrada, que busca resolver os graves problemas de mobilidade e acessibilidade urbana, de requalificação de áreas urbanas de interesse cultural e a permanência das qualidades paisagísticas, históricas e arquitetônicas dos ambientes protegidos.

5. PAISAGEM URBANA

Trabalharemos o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen, por sua simplicidade e objetividade por ser uma das propostas mais difundidas como instrumento de avaliação dos espaços urbanos e talvez seja uma das formas de compreender e analisar o espaço, intuitivamente ou não, mais usadas vulgarmente ou por especialistas (CULLEN, 1983).

Paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Esse conceito foi elaborado nos anos 60 e exerce forte influência em arquitetos e urbanistas exatamente porque possibilita análises seqüenciais e dinâmicas da paisagem a partir de premissas estéticas, que provocam impactos de ordem emocional pelos elementos e jogos urbanos.

Os exemplos desse conceito são notados em uma rua ou avenida em linha reta, cuja perspectiva visual seja assimilada rapidamente, torna-se monótona ou então grandiosa. Para estruturá-lo Cullen recorre a três aspectos. O primeiro é a ótica (visão serial), formada por percepções seqüenciais dos espaços urbanos. O segundo fator é o local, que diz respeito às reações do sujeito com relação a sua posição no espaço, ou seja, o sentido de localização, esse aspecto refere-se às sensações provocadas pelos espaços; abertos, fechados, altos, baixos etc. O terceiro aspecto é o conteúdo, que se relaciona com a construção da cidade, cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana.

Com base no conceito de paisagem como elemento organizador, Cullen apresenta vários temas para as paisagens urbanas:

a) Recintos, pátios e pracetas – são espaços urbanos interiores caracterizados pelo sossego e a tranquilidade, em que o vai e vem das ruas não é tão notado, a praceta (ou recinto, ou pátio) tem escala humana e geralmente é um espaço pontuado por árvores e bancos, que permitem descanso e contato humano.

b) Ponto focal – é um símbolo de convergência, que define a situação urbana. Esta idéia é reforçada e diz que em geral as pessoas diante de um ponto focal afirmam: “É aqui”, “Pare”. É um elemento de força que se materializa de forma isolada e por vezes marca pela verticalidade.

c) Perspectiva grandiosa – é um descortínio imediato entre o “aqui e o além”, como a perspectiva visual dos eixos monumentais, dos grandes bulevares. Essa paisagem funde o primeiro plano ao longínquo, produzindo sensação de imensidão, grandiosidade e onipresença.

d) Animismo – é uma configuração poética em que “isto é aquilo”, ou seja, a sugestão de que a porta é um rosto, ou de que a fachada tem uma face na qual a porta é a boca, as janelas os olhos, etc. As manifestações de animismo transmitem sensação de estranheza e até irritação. É um artifício por vezes usado no expressionismo.

O conceito de paisagem urbana é utilizado como ferramenta de análise e observação, recurso bastante utilizado para coleta de dados, informações e referências, especialmente pela interação que promove entre ser humano e ambiente urbano aguçando e despertando a percepção e a consciência à paisagem pelo ato de atenção ao espaço urbano e às próprias emoções dos indivíduos.

O sistema proposto por Cullen para análise, estudo e intervenção, tem como pontos positivos: a articulação na observação tanto de princípios organizadores de ordem geral; a rapidez de processamento na percepção da paisagem, pela facilidade de interação entre sujeito e objeto; elaboração de uma linguagem síntese de vários elementos, dados e referenciais históricos, socioculturais e espaciais das cidades por meio de notas, fotos, documentos, croquis, imagens, desenhos e conteúdos teóricos.

Cabe salientar que a ideia da paisagem urbana por vezes focalizada, fragmentada e fortemente embasada na interface entre percurso, faculdade visual e emoções, tem sido intensa, e por vezes, explorada em várias cidades, como paisagem urbana idealizada e manipulada.

Para Cullen o sujeito é passivo que constrói e levanta dados na interação com a cidade, mas não interfere, não é um agente e participante ativo diante das ocorrências urbanas. O sujeito é apenas um usufruidor do espaço urbano e não um transformador de sua própria consciência. Ou seja, esse conceito passivo de paisagem, ao mesmo tempo em que promove um tipo de aproximação entre sujeito e paisagem, promove um afastamento da totalidade da realidade.

Considerando o panorama atual de urgências ambientais urbanas, observa-se que o método de Cullen, precisa ser conjugado a um painel sistêmico e mais amplo de informações ecológicas, humanas, sociais, perceptivas, culturais, antropológicas, econômicas, etc., para então compor em conjunto um cenário de dados, a partir dos quais se podem organizar diagnósticos, propostas e quaisquer ações ambientais de dimensões sistêmicas (FRANCO,2001).

O que há de mais precioso na proposta de Cullen é o estímulo que promove à percepção da cidade, pois esteja o sujeito no espaço que for e em qualquer velocidade de apreciação, pode fruir poéticas urbanas nem sempre valoradas. Esta visão faz surgir um

observador mais atento às suas emoções e aos espaços urbanos, contudo não concita este observador, a ser um sujeito integral, pleno, ativo e transformador, que se constrói ao mesmo tempo em que age no mundo.

Passado todos esses anos a proposta de Cullen permanece significativa e estimulante, especialmente por sua exaltação estética às emoções e à afetividade, o que enseja uma constante redescoberta das poéticas urbanas; por isso sempre que vemos no cinema, na literatura, na pintura, no design, na escultura, conseguimos detectar fragmentos das paisagens de Cullen, estando presente nas artes em geral.

6. REQUALIFICAÇÃO URBANA

A partir da segunda metade do século XX, novos tipos de projetos urbanos passaram a ser realizados, adotando-se práticas urbanísticas que auxiliassem no renascimento e fortalecimento econômico, social e cultural de áreas decadentes ou abandonadas nas cidades, procurando dar-lhes nova vida.

A requalificação urbana é sobretudo um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infra-estruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e econômica. Procura a (re) introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área.

Provoca a mudança do valor da área, ao nível econômico (atividades econômicas com alto valor financeiro), cultural (localização de usos econômicos relacionados com a cultura), paisagístico e social (produção de espaços públicos com valor de centralidade).

Conceber um programa de requalificação urbana para uma cidade requer, antes de tudo, um conhecimento das diversidades dos lugares: as várias partes urbanas, às vezes densas, outras mais rarefeitas, aquelas centrais e outras periféricas, não permitem imaginar um programa unitário; procurar regras e critérios básicos, mas é necessário afrontar os lugares que requerem intervenções sabendo, particularmente, interpretá-los.

A requalificação urbana tem um caráter mobilizador, acelerador, estratégico e está principalmente voltada para o estabelecimento de novos padrões de organização e utilização dos territórios, e para um melhor desempenho econômico.

O principal objetivo de uma requalificação urbana é a melhora a qualidade de vida nas cidades, através de intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, melhorando a atratividade e competitividade de pólos urbanos que têm um papel relevante na estruturação do sistema urbano nacional. Podemos traçar alguns objetivos gerais que norteiam um projeto de requalificação urbana:

- Desenvolver grandes operações integradas de requalificação urbana com uma forte componente de valorização ambiental;
- Desenvolver ações que contribuam para a requalificação e revitalização de centros urbanos e que promovam a multifuncionalidade desses centros;

- Apoiar outras ações de requalificação que permitam melhorar a qualidade do ambiente urbano e valorizar a presença de elementos ambientais estruturantes tais como frentes de rio ou de costa;
- Apoiar iniciativas que visem aumentar as zonas verdes, promover áreas pedonais e condicionar o trânsito automóvel em centros urbanos.

A requalificação tenta redescobrir a estrada justa para reencontrar a dignidade e o decoro urbano perdidos há tanto tempo, devendo ser implantada, onde a arquitetura não enfrente os "não lugares" mas, sim, lugares específicos, nas quais já se encontram certos estratos urbanos assentados e sob um programa que pode ser amplamente discutido, junto aos cidadãos até um possível consenso.

7. OBJETO DE TRABALHO

As áreas centrais das cidades a partir da década de 70 passaram pelo deslocamento de atividades importantes da vida urbana pra áreas diversas, como resultado deste processo estas áreas se tornam abandonadas. Observa-se em algumas cidades, principalmente metrópoles, um processo de esquecimento, abandono e degradação, principalmente pelo uso extensivo do automóvel que impede a apropriação do espaço por parte da população, mais especialmente as crianças, os adolescentes, os idosos e os deficientes físicos, ou mesmo qualquer pessoa que dependa de outro meio de transporte para o seu deslocamento, gerando outro tipo de exclusão social e desrespeito à cidadania (GEHL;GEMZOE, 2002).

Os centros urbanos têm grande dificuldade de atender as demandas da comunidade, apresentando diversos níveis de inadequação, obsolência e degradação. Os espaços públicos centrais necessitam ser revalorizados, através de diversas ações públicas, para desempenhar o seu papel na sociedade, onde possam preservar a boa qualidade do ambiente construído para seus usuários mais diversos.

Por estar inserida na realidade das áreas centrais, a área de entorno da Praça Maria Aragão, enfrenta diversos problemas que a impossibilitam de ser um espaço público que atende de forma satisfatória seus usuários.

Vivemos numa sociedade que prioriza as atividades privadas, casas privadas, computadores e carros privados, existem sinais claros que a cidade e seus espaços urbanos foram deixados de lado como última opção no quesito social e recreativo.

Os diversos espaços urbanos, dão oportunidade das pessoas em usar seus sentidos e interagir diretamente com seu entorno, tornando a cidade um lugar de encontro e atrativa.

Em princípio, todo espaço público tem função de circulação ou de comunicação e convívio social em diversos graus, o uso ou não uso desses espaços, muitas vezes, está condicionado às suas funções, sejam aquelas propostas nos projetos originais ou vinculadas às reais ou às novas necessidades dos cidadãos (CUNHA, 2002).

O acesso a parques, praças, canteiros, ruas, avenidas e largos, entre tantos outros, incluindo as áreas de preservação permanente, as florestas, os bosques, rios, córregos, lagos, dunas, mangues, bordas de rios e mares em área urbana também se constituem em direitos constituídos aos cidadãos.

As praças públicas são os espaços urbanos entendidos a partir da localização e de seus limites, que definem sua territorialidade. A marcação desse território acontece não apenas por

limites geográficos ou referenciais visuais, mas pela apropriação do espaço por um grupo que desenvolve atividades específicas, dando-lhe uma identidade.

A praça assim como o largo e a rua, são lugares onde as pessoas circulam, se vêem e são vistas; onde é possível além de transitar, descansar, tomar um café ou simplesmente estar (AFONSO,1999).

Vaz (2003) trata a praça pública, em particular a praça pública central, como cenário onde os usuários atuam nos papéis de ator e espectador e os indivíduos que penetram sobre o lugar e a ação que se tem passado são imediatamente submissos à condição de estar em público.

O Centro Histórico de São Luís possui 27 praças públicas que desempenham diferentes funções: contemplativa, passagem, convívio social. Porém através de um levantamento foi constatado que o Centro Histórico tem necessidade de praças voltadas para recreação, esportes e áreas verdes.

Foi constatado através de um levantamento de uso e ocupação do solo, a predominância de unidades residenciais no entorno da área. As pessoas que residem nas proximidades, não possuem nenhum equipamento público que incentive a prática de esportes, apenas o Parque do Bom Menino desempenha esta função, porém não atende a necessidade de todos os moradores do bairro, pois fica distante desta população.

O anteprojeto de requalificação do entorno da Praça Maria Aragão torna-se de extrema importância devido: sua localização privilegiada, a demanda de usuários, por ser uma área que não é utilizada pela população mesmo estando ao lado de um ícone da arquitetura moderna, projeto do Oscar Niemeyer, que agrega valor arquitetônico patrimonial.

Escolheu-se esta área para a implantação deste anteprojeto em função de sua localização privilegiada, situada em lugar aprazível e central, próxima as duas das mais importantes praças da cidade e paralela a duas ruas de tráfego intenso, o que a torna de fácil acesso.

Por estar ao lado de uma praça com características do modernismo que não prevê em sua implantação o uso de vegetação, percebemos a necessidade de uma área com a predominância de muito verde, com a função de envolver todo seu entorno na tentativa de implementação do conforto térmico para a área.

Para a concepção do anteprojeto, torna-se necessária a definição de um conjunto de idéias que determinem uma base que oriente o desenvolvimento do estudo preliminar. Essas idéias são expostas através da criação de áreas que propiciem o convívio social com tratamento paisagístico, a prática de esportes, visando o conforto térmico da área tornando-a

não só um local de passagem, mas também de contemplação e permanência, com implantação de princípios da sustentabilidade e acessibilidade universal através do uso de rampas, sinais sonoros, sinalização adequada e etc.

7.1 Áreas fronteiriças

7.1.1 Praça Gonçalves Dias

Batizada em homenagem ao poeta maranhense, que foi um dos expoentes da literatura, o local da praça era conhecido como Largo da Nossa Senhora dos Remédios e posteriormente Largo do Amores, neles eram realizadas festas durante o mês de outubro, que o deixaram famoso, a ponto de render citações em livros como O Mulato de Aluísio de Azevedo.

A praça e seu entorno, possuem grande valor artístico. Foram tombados pelo IPHAN, em 23 de dezembro de 1955, sob a denominação Acervo Arquitetônico e Paisagístico da Praça Gonçalves Dias. A praça se desenvolve em vários planos devido ao declive natural do terreno, interligado por varias escadarias, algumas ladeadas por guarda corpos de alvenaria.



Figura 03- Praça Gonçalves Dias

Fonte: <http://www.saoluis.ma.gov.br>

Ao centro da praça se encontra uma estátua de Gonçalves Dias, à direita um coreto circular, que é um dos poucos locais abrigado da forte insolação e da escassez de arvores de sombra, pois a praça é dominada pela presença das palmeiras cantadas pelo poeta em sua Canção do Exílio.

7.1.2 Igreja dos Remédios

Construída em 1719 está localizada em frente à Praça Gonçalves Dias, é a única da cidade de São Luís com elementos da arquitetura gótica. Em sua fachada principal se destaca a torre

única, sobre o entablamento do corpo central que serve de eixo de simetria para os dois corpos laterais. No segundo nível da fachada os vãos em arco de ogiva são preenchidos por vitrais coloridos. Nos corpos laterais possuem dois arcos com um pequeno óculo no meio e todo o conjunto está centralizado sobre uma marcação em relevo de arco de ogiva.



Figura 04- Igreja dos Remédios.

Fonte: Arquivo Pessoal

No térreo, três portas dão acesso ao interior igreja, sendo a do centro a entrada principal. A torre é coroada por uma pirâmide hexagonal sobre qual há uma cruz de ferro. apresenta uma nave única. A igreja uma fileira de naves coríntias de fuste estriado de cada lado.as colunas sustentam o coro e os corredores que seguem as laterais da igreja no pavimento superior e são protegidos por gradis em ferro do século XIX. A Igreja dos Remédios é tombada no âmbito federal, no Conjunto Urbano Praça Gonçalves Dias, por suas características arquitetônicas peculiares dentro de São Luís.

7.1.3 Espaço Cultural

Em 1888 com autorização de D. Pedro II ao engenheiro Nicolau Vergueiro Le Cocq para construir e explorar o trecho Caxias a São José das Cajazeiras (hoje conhecida por Timon), sendo esta conhecida como a primeira etapa da construção da ferrovia no Maranhão. A segunda etapa se inicia em 1907 termina em 1928 com a construção da ponte Benedito Leite sobre o Estreito dos Mosquitos, que vem para viabilizar a transferência de toda manutenção mecânica de linha férrea que tinha seus equipamentos na cidade de Rosário.

Em 1936, iniciam-se as obras para um novo galpão de manutenção mecânica na cidade de São Luís, pois, com o término da construção da ponte, surge a necessidade de construir um novo local para manutenção e outro sendo parte administrativa da oficina.

Foi em 1953 teve início a pavimentação da Avenida Beira Mar, esta intervenção feita na área separou o galpão de sua parte administrativa. Mas foi somente em 1980 que a construção é totalmente desativada para depois de um período ocioso, passar a iniciativa privada e começar a funcionar como área de shows e feiras de confecções.

Este uso esporádico perpetua-se até hoje, os galpões são utilizados de forma precária, não trazem referências históricas e ocupam uma área com grande potencial para uma nova função.

Os galpões divergem da paisagem urbana da área, devido sua péssima integridade física, não trazendo referências históricas mesmo possuindo a proteção do tombamento federal.



Figura 05- Espaço Cultural
Fonte: Arquivo Pessoal

7.2 Análise da Paisagem Urbana

Localizada na margem do Rio Anil e estrategicamente na transição do Centro Histórico para a nova da cidade, a área possui entorno construído, denso e contínuo, apresentando casarões de usos diversificados, com predominância do uso residencial. Conta com duas praças com estilos arquitetônicos diferentes, que não se complementam neste quesito. O contexto urbano é caracterizado pela proximidade com a principal ponte da cidade e um corredor primário que marca o local como ponto de passagem. Trata-se da primeira visada do observador que atravessa a ponte no sentido norte-sul.



Figura 06- Paisagem Urbana São Luís
Fonte: Arquivo Pessoal

Analisaremos a paisagem urbana do local, através dos três aspectos estruturados por Gordon Cullen: a ótica, o local e o conteúdo. O local é composto por alguns temas da paisagem urbana.

A Praça Gonçalves Dias e a Igreja dos Remédios podem ser consideradas pontos focais, por se tratarem de símbolos de convergência, que se materializam de forma conjunta e marcam verticalidade e a visibilidade do local.

A Praça Maria Aragão produz sensação de imensidão, grandiosidade e onipresença definindo-se como perspectiva grandiosa. Configura-se como um monumento, um marco dentro da cidade por ser projeto do renomado arquiteto Oscar Niemeyer.

Os galpões marcam a paisagem pela sensação de estranheza e até irritação, visto que não possuem integridade física, marcadas pelo abandono e descaso com o patrimônio.

8. PROJETOS REFERENCIAIS

8.1 Praça da Pampulha

Localizada próxima ao conjunto da Pampulha de Niemeyer, ao redor da lagoa artificial, ambos de 1940, na cidade de Belo Horizonte, a praça da Pampulha, projeto da equipe do Arquitetos Associados, respeitou a escala e a ambiência do local, mantendo as visadas livres.

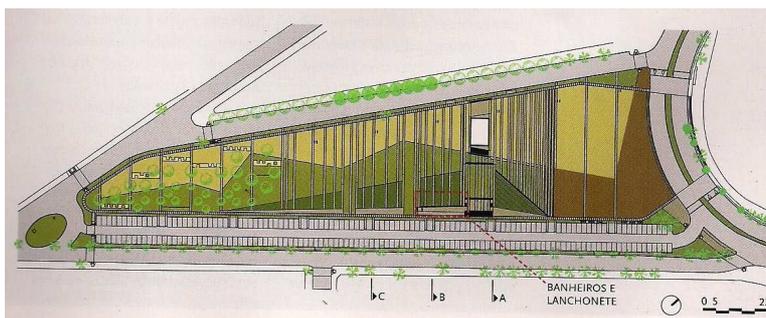


Figura 07 – Implantação Praça da Pampulha

Fonte: Revista AU, Ed 189

O espaço era utilizado, como uma praça de eventos de grande porte, o projeto definiu diretrizes de ocupação que não só preservam o vazio, como reforçam seu caráter público e aberto.

A equipe se preocupou em organizar o vazio, cada não presença da praça se justifica por uma presença condicionante do entorno, respeitando o que existia de natural e construído ao redor do terreno. A maior área do terreno foi destinada a comportar eventos de grande porte, a ligação com a lagoa permaneceu livre de interferências visuais, o que configura o espaço como uma extensão natural da orla.



Figura 08- Praça da Pampulha
Fonte: Revista AU, Ed 189, 2009

O material construtivo utilizado foi o tijolo queimado de grande resistência e baixo custo, presente nas áreas pavimentadas, nos elementos edificados e nos suportes como

arquibancadas, bancos, palco e proteções. As inúmeras faixas paralelas no piso geram múltiplas possibilidades de percurso pelo espaço público, sem criar uma determinação excessiva.

Uma sequência de postes de iluminação completa a esplanada de eventos, construídos de maneira vazada para diminuir o impacto e presença construtiva. O espaço conta com banheiros públicos e lanchonete.

Na porção posterior do terreno, o espaço foi reservado a um uso mais local e cotidiano, com árvores e bancos de descanso, a malha viária participa do conceito de integração, com o desdobramento de um percurso alternativo da pista de caminhada que percorre as áreas perimetrais da praça, atraindo o movimento de lazer da orla e os usuários que residem no entorno da praça.

8.2 Parque Micaela Bastidas

Resultado de um concurso nacional realizado em 2006, o parque Micaela Bastidas, projetado pelos arquitetos Irene Joselevich, Graciela Novoa, Alfredo Garay, Néstor Magariños, Carlos Verdecchia, Adrián Sebastián, Marcelo Vida y Eduardo Cajide, faz parte das intervenções realizadas no plano de revitalização da zona portuária de Puerto Madero em Buenos Aires.

Situado no dique 2 de Puerto Madero, trata-se de um grande parque da zona portuária e foi o primeiro a ser construído. Inaugurado em 2003, possui uma superfície de 72000 m² e está cercado por luxuosos restaurantes, edifícios empresariais e grandes hotéis do outro lado pelo parque Costanero Sur.

O projeto tem como característica marcante o grande dinamismo, graças aos desníveis que chegam a 5 metros de diferença, estes são contidos por gabiões que cruzam em zig-zag de norte a sul, interligados por escadas e rampas.

O parque está dividido em três zonas: Plaza de los Niños, possui área de jogos se conforma com desenhos inovadores contando com jogos para crianças, a Plaza Central, com caráter mais intimista, convida o usuário a sentar-se, e a Praça Del Sol possui grandes bancos de madeira de 2x2 metros que são utilizados pela pessoas para se sentar As rampas e os caminhos que atravessam o parque oferecem inúmeras alternativas de caminhada.

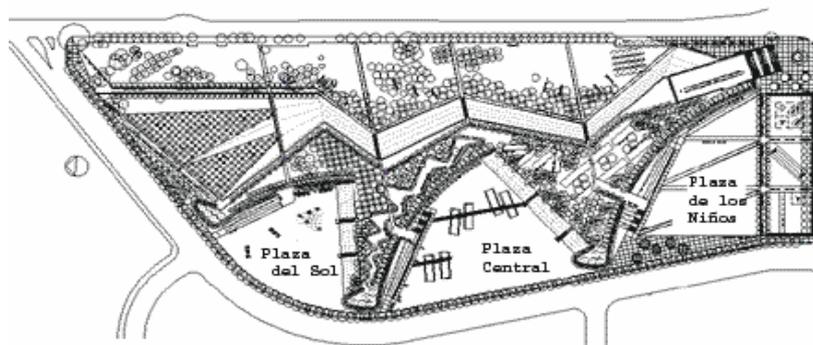


Figura 09- Implantação Parque Micaela Bastidas

Fonte: <http://www.nuevopuertomadero.com/>

Foram plantadas 4000 árvores e arbustos de até 150 espécies diferentes, criando uma grande massa verde, o parque possui bancos de madeira e cimento em círculo, que favorecem o convívio social, estacionamento para bicicleta e lixeiras. A quebra da monotonia de uma paisagem totalmente plana foi conseguido com a criação de vários desníveis formados por montes de terra mole que necessitavam ser estabilizados e contidos.

O parque Micaela Bastidas, localizado fisicamente entre os dois fortes elementos de contorno de clara identificação social e uma imagem urbana própria, converte-se em um degrau integrador não só em nível da planificação e definição da malha urbana, mas também de usos culturais recreativos, transformando-se em um ícone de paisagem contemporâneo da cidade de Buenos Aires.

8.3 Parque Mujeres Argentinas

Localizado na zona portuária de Buenos Aires, precisamente no centro do dique 3, o parque Mujeres Argentinas é um dos mais extensos na cidade, com uma área de 53.700 m² e cerca de mil árvores, possui características marcantes como: caminhos e desníveis que delimitam os espaços verdes. O projeto dos arquitetos, Irene Joselevich, Graciela Novoa, Alfredo Garay, Néstor Magariños, Carlos Verdecchia, Adrián Sebastián, Marcelo Vida y Eduardo Cajide, faz parte de uma grande intervenção, na zona portuária da cidade portenha, cuja objetivo é revitalizar a área deteriorada e agregar valor.

O parque Mujeres Argentinas conta com rampas para deficientes físicos, uma grande praça configurada como anfiteatro com bordas verdes escalonadas, que funcionam como uma assembléia, um lugar de encontro por está localizado em um eixo institucional da cidade que

se prolonga até o rio. O parque recebeu este nome, pois resgata a memória de todas as mulheres comprometidas com a história do país



Figura 10- Implantação Parque Mujeres Argentinas
Fonte: <http://www.nuevopuertomadero.com/>

8.4 Piazza Matteotti

Localizada na cidade de Catanzaro na Itália a praça Matteotti está localizada no limite do centro antigo e a parte nova da cidade. Diversos edifícios públicos importantes circundam a praça.

O novo espaço divide-se em três partes: passeio, praça e parque urbano. O passeio conecta duas partes da cidade e localiza-se no meio da via. O pavimento é uma grande pintura em estilo op art e a praça é em sua totalidade uma rítmica escultura urbana.



Figura 11- Piazza Matteotti
Fonte: GEHL; GEMZOE (2005)

O desenho da Piazza Matteotti contém uma nova e surpreendente interpretação do espaço urbano. A praça em si é um espaço pequeno que se estende entre o passeio e o parque. Ela é dominada por um grande relógio de sol e uma escadaria escultórica que fornece as pessoas uma boa vista da sombra projetada pelo relógio de sol. Em frente a um dos edifícios

públicos que circundam a praça localiza-se um parque urbano, um pequeno Oasis arborizados com uma estátua no eixo simétrico do edifício. No conjunto, o espaço caracteriza-se pó um desenho voluptuoso composto por linhas onduladas. A praça constitui uma nova e surpreendente interpretação do espaço público, cujo pavimento é uma grande pintura e o espaço uma grande escultura.

9. A PROPOSTA

Após o processo de conhecimento, levantamentos, estudos das características da área e seu entorno, chegou o momento de intervir na área.

Com todo cuidado que a área merece e por toda carga histórica que ela carrega, a proposta de requalificação urbana teve como objetivo: compensar a escassez de áreas verdes e atender as necessidades do lazer urbano da população que usufrui do local situado num território emoldurado por um ícone da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer e a arquitetura colonial lusitana.

Durante a pesquisa tomou-se conhecimento que o projeto da praça Maria Aragão não foi executado em sua totalidade, ficando inacabado, não tratando a área em toda sua extensão e nem seu entorno. A solução encontrada para a área do entorno da praça Maria, foi a demolição dos galpões, utilizados de forma precária, não guardando nenhuma referência histórica e por ocuparem uma área de extrema importância para a nova função pensada.

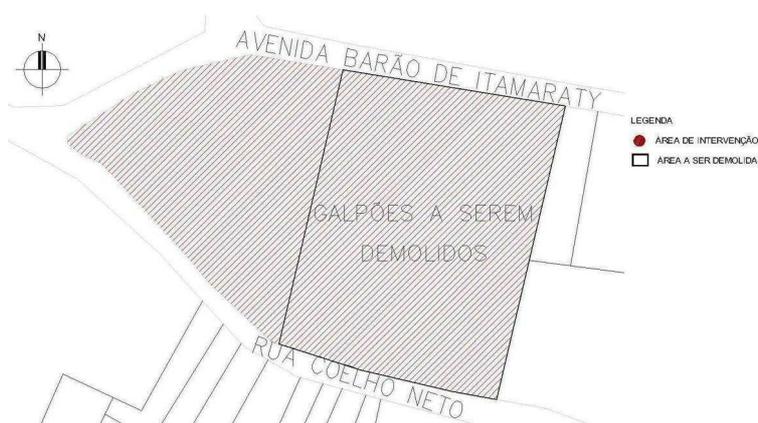


Figura 12- Área de Intervenção
Fonte: Arquivo Pessoal

Foi constatada, através do levantamento de uso e ocupação, a necessidade de áreas públicas voltadas para recreação e lazer esportivo. O entorno imediato é composto em sua maioria por unidades residenciais justificando a proposta com intervenções nas vertentes urbanísticas e ambientais.

A disposição das áreas da praça foram resultado da implementação do conceito de “emoldura verde” que vem para compensar a escassez de vegetação do entorno e permite interação ao usuário que atravessa a praça, além de convergir numa mesma área, várias opções de lazer que atendam a diferentes faixas etárias. A implantação de cada ambiente da

praça foi disposto através das afinidades que cada atividade a ser desenvolvida tem com a outra.

A praça é composta por seis outras praças que se interligam através da pista de cooper e pelos caminhos de terra, permitindo contemplação ao usuário, na prática de atividade físicas ou numa simples travessia pelo local. As áreas são:

- **Bosque:** maior área da praça, conta com espécies de grande porte e reforça o caráter ambiental e a importância de grandes áreas verdes para as cidades;
- **Praça de Jogos/ Reuniões:** possui bancos com disposição de maneira agrupada que constituem uma espécie de ambiente de estar, onde grupos podem se reunir, favorecendo o convívio social a partir da convivência com o outro e da prática do lazer associativo;
- **Praças Esportivas:** estão em áreas separadas, porém, são interligadas pela pista de Cooper por concentrarem atividades esportivas de âmbitos diferentes. São compostas por aparelhos de ginásticas e uma quadra de areia, que incentivam a prática de atividade física dando ao usuário melhoria na qualidade de vida. Os aparelhos permitem diversas atividades, pois contam com um conjunto de barras com diferentes alturas, dispostas de maneira isolada, juntamente com bancos de diferentes inclinações que possibilitam o trabalho de diversos grupos musculares. Funciona como uma academia pública que conjuga práticas esportivas ao contato com a natureza, representando uma forma de inclusão social e de acessibilidade das camadas mais populares ao exercício físico, assim como a sociabilidade, em qualquer nível sócio-econômico;
- **Playgrounds:** foram pensados para atender duas faixas etárias de zero a seis anos e de seis a doze anos, conta brinquedos adequados para fase da criança. Os bancos foram utilizados para delimitação do espaço e estão implantados ao lado dos espaços infantis com o objetivo da espera, do descanso e da observação.



Figura 13- Mobiliário Urbano do Playground.
Fonte: SASAKI (2001)



Figura 14- Equipamento playground
Fonte: SASAKI (2001)

Todas as áreas descritas são demarcadas por extensa cobertura vegetal proporcionando bem estar psicológico, melhorando o efeito estético na cidade, fornecendo sombra pros usuários e diminuindo a poluição sonora proveniente das vias de tráfego que contornam a praça.

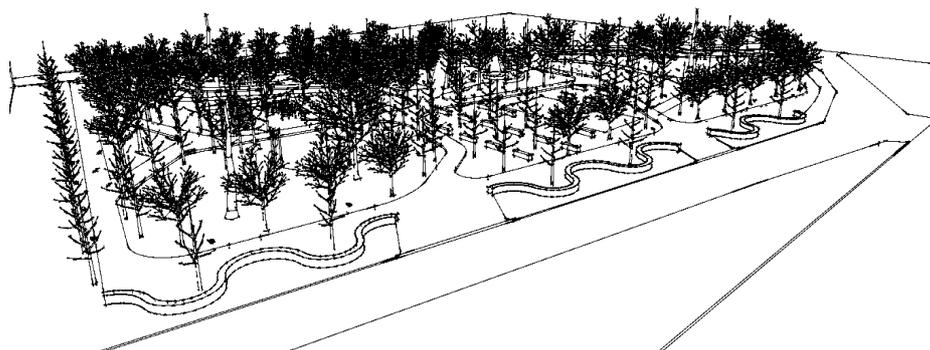


Figura 15-Perspectiva Geral
Fonte: SASAKI (2001)

9.1 Mobiliário Urbano

O objetivo do mobiliário urbano disposto na praça será a funcionalidade, a estética do espaço, a promoção da segurança e do conforto dos usuários. Os materiais dos mobiliários são resistentes e adequados as características climático-ambientais da cidade, considerando o fato de que nem sempre é possível dispor de manutenção de maneira regular e satisfatória.

Os bancos das áreas internas das praças funcionam como um local de descanso e lazer, podendo ser usados durante um maior tempo, constituído áreas de refúgio ficando a sombra.

Os brinquedos e os aparelhos de ginásticas estão implantados sobre caixas de areia representando menor aquecimento do ambiente. Os brinquedos serão coloridos, criativos, funcionais adequados a cada faixa etária a que se destina e estarão dispostos de maneira temática simulando atividades lúdicas, a aventura, a escaladas.



Figura 16 – Exemplo de banco.
Fonte: SASAKI (2001)



Figura 17 – Exemplo de aparelhos de ginástica.
Fonte: <http://www.wikipedia.org>

As lixeiras estão dispostas por toda extensão em locais de maior movimento, porém em lugares discretos o suficiente para não atrapalhar na paisagem urbana e nem impedimento no fluxo. As lixeiras são integradas aos demais elementos do mobiliário urbano pelo seu material e pela cor.



Figura 18 – Exemplo de lixeira
Fonte: SASAKI (2001)

9.2 Vegetação

Composta por plantas nativas regionais e adaptadas, a vegetação foi pensada como elemento de composição dos ambientes e climatização da praça, aparece delimitando todo contorno da praças e da pista de copper. Isso foi pensado para se criar diferentes micro climas no interior da praça e diferentes sensações para quem a percorre. A vegetação escolhida foi visualizada como um conjunto de organismos vivos, que se articulam e modificam os espaços livres, por meio das suas características, funções e significados.

A escolha da vegetação se deu por espécies nativas e as já adaptadas na cidade. A indicação considerou o porte, tempo de crescimento, tipo de raiz, época de floração, característica de flores e frutos, dimensão, toxicidade, adaptação às qualidades do solo, cuidados necessários e adequação à paisagem da região.

As espécies foram escolhidas de acordo com a área em que irão ser implantadas. No bosque serão plantadas árvores de médio e grande porte, como indicação de espécies temos: Alecrim de campinas (*Holocalix glaxiowill*), ipê amarelo (*Tabeluia alba*), ipê rosa (*Tabeluia heptaphylla*), andiroba (*Carapa guaianensis*). Nas áreas internas das praças serão plantadas árvores de pequeno e médio porte como indicação de espécies temos: extremosa (*Lagerstroenia indica I.*) e pata de vaca (*Bauhinia forticata*). Para a vegetação que delimita as áreas de cada praça utilizaremos a espécie pau-ferro (*Caesalpineia ferrea mart*), que reuni ótimas características no âmbito da arborização urbana. As gramíneas utilizadas, por estarem sujeitas a pisoteio, serão as gramas batatais.

9.3 Iluminação

A função da iluminação utilizada está ligada ao embelezamento da área não deixando de lado a influência da iluminação na segurança do usuário. Reconhecer as pessoas em zonas públicas a certa distância é fundamental.

No contorno na praça estão dispostos postes com luminárias em altura diferentes, onde a lâmpada localizada na maior altura está voltada para a via pública e a de menor altura se volta para o a pista de cooper da praça.

A iluminação dos caminhos ficará por conta de balizadores, para indicação dos caminhos e postes com altura de quatro metros. Em ambos, as luminárias serão do tipo led por características como: alto brilho; não geram calor, sem envelhecimento precoce das lâmpadas convencionais e por não produzirem encadeamento.



Figura 19 – Poste de Iluminação

Fonte: SASAKI (2001)

Os locais onde os pedestres desenvolverão atividades possuem a iluminação suplementar com altura de montagem menor, abaixo do início da copa das árvores. A utilização de luminárias baixas direcionadas para o piso elimina a insegurança gerada pela penumbra provocada pela vegetação.

10. CONCLUSÃO

O embelezamento das cidades resulta em alterações urbanísticas e arquitetônicas com o objetivo de modernizar os espaços públicos e dotá-los de características como: elegância estética, graciosidade e racionalidade com suas características locais.

A conceituação dos espaços públicos livres de edificações, não chegou ainda a um consenso, sendo motivo de longas discussões a respeito da definição dos espaços públicos. Assim sendo, coube a nós, utilizarmos aquele que mais se aproximou do âmbito da pesquisa ora apresentada, onde foi feito um apanhado de vários autores, no sentido de esclarecer e enriquecer nosso referencial teórico.

A relação entre a importância de espaço público nas cidades contemporâneas e a construção da cidadania como fundamentais para a construção de cidades justas e solidárias. Os espaços públicos urbanos que se caracterizam como lugares de trocas, de encontros e vivências múltiplas, ou seja, lugares de vida pública são negados nos processos de desigualdade social, segregação espacial e violência urbana que marcam a realidade das cidades contemporâneas, sejam elas grandes metrópoles ou cidades médias.

As áreas centrais das cidades brasileiras estão sofrendo, em vários graus, as conseqüências do crescimento urbano e do modo de urbanização. Os centros urbanos não conseguem atender as demandas da população, apresentando degradação e inadequação. Os espaços públicos centrais, principalmente os 'verdes', necessitam ser requalificados, através de ações públicas, para desempenhar o seu papel na comunidade local, desde o de imagem unitária de pertencimento da comunidade até o de amenidade, entre outros, que preservem a boa qualidade do ambiente construído para seus usuários mais diversos.

As perspectivas para a democratização dos espaços públicos de lazer na cidade indicam que os investimentos em obras e manutenção dos espaços públicos de lazer devem ser bem distribuídos entre os diversos bairros da cidade, o que implica pensar o lazer como elemento importante para o cotidiano das pessoas que necessitam de espaços públicos por não disporem de condições particulares para seu exercício.

A problemática existente em São Luís tem relação com questões referentes ao seu ritmo de crescimento, o aparecimento de novas formas urbanas e sua relação com a articulação capitalista, atreladas ao tipo de planejamento urbano local.

Para solucionar os problemas de abandono ou decadência de partes das cidades, surgiu um novo modelo de intervenção urbana, denominado requalificação urbana, a qual deve agregar qualidades à área em questão.

Para implantação de uma requalificação urbana devem-se levar em conta alguns princípios no planejamento dos espaços: evitar ofertas excessivas ou escassez; planejamento da construção e manutenção conjuntas; facilitar o acesso e funcionamento; respeitar os valores estéticos e a proteção natural; e implementar programas de recreação amplos sem perder de vista sua continuidade no dia-a-dia da localidade.

A requalificação devem encorajar a implementação de espaços públicos pedonais, que permitam às pessoas fruir da identidade dos lugares, encorajando-as a visitar, usar e permanecer nos espaços públicos assiduamente.

É importante o aproveitamento das potencialidades do lugar, com alocação de verbas investidas na mão de obra local e no aparelhamento dos espaços públicos já existentes o que aponta para a necessidade de uma política de lazer que dê atenção às questões sociais e remete à questão do direito ao lazer em São Luís.

A proposta intervenção buscou implantar todos estes princípios do planejamento dos espaços públicos, na tentativa de solucionar o problema existente da área, potencializando suas qualidades ambientais e reforçando o direito ao lazer e a qualidade de vida para uma sociedade que tampouco reconhece estes atrativos urbanos.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Sonia; MACEDO, Silvio Soares. **Urbanização de encostas: crises e possibilidades. O Morroda Cruz como um referencial de projeto de arquitetura da paisagem.** São Paulo, 1999. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- BENEDET, Michelle Souza. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte.** Florianópolis, SC, 23 de Junho de 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de PósGraduação, UFSC, 2008.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CUNHA, Rita Dione Araújo. **Os usos, funções e tratamentos das áreas de lazer da área central de Florianópolis.** 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- COPEL. **Manual de iluminação pública.** Companhia Paranaense de Energia. Curitiba, 1998.
- DEL RIO, V. **Voltando às origens: a revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos.** Disponível em: <www.vitruvius.com.br>. Acessado em 14 de dezembro de 2010.
- GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. **Novos espaços urbanos.** Tradução Carla Zollinger. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.
- GHIO, Riccardo. **O desafio da requalificação.** Vitruvius, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/928>>. Acessado em 01 de março de 2011.
- LIEBAS, Vanesa. **Inauguran Parque Mujeres Argentinas.** Nuevo Madero, 2007. Disponível em: <http://www.nuevopuertomadero.com/?Inauguran_Parque_Mujeres_Argentina_s&page=ampliada&id=227>. Acessado em 15 de janeiro de 2011.
- LIEBAS, Vanesa. **Parque Micaela Bastidas.** Nuevo Madero, 2007. Disponível em: <http://www.nuevopuertomadero.com/?Parque_Micaela_Bastidas&page=ampliada&id=710>. Acessado em 15 de janeiro de 2011.
- MAHFUZ, Edson. **Entre o espetáculo e o ofício.** Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/178/imprime122853.asp>>. Acessado em 06 de fevereiro de 2011.
- MASCARÓ, Juan Luis. **Infra-estrutura da paisagem.**, Ed +4, Porto Alegre, 2008.
- NIEMEYER, Oscar. **Minha arquitetura 1937-2005.** Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2005.
- INSTITUTO POLIS. **Programa de requalificação urbana e valorização ambiental das cidades.** Instituto Polis. Lisboa, 2007.

- RIBEIRO, Marcelo. **Espécies nativas da arborização urbana**. Ambiente Brasil, 2010.
<Disponível em http://ambientes.ambientebrasil.com.br/urbano/arborizacao_urbana/especies_nativas_na_arborizacao_urbana.html>. Acessado em: 09 de março de 2011.
- ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo, EDUSP, 2002.
- SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça**. São Paulo, Edusp, 1993.
- SANTOS, Eduardo Ribeiro. **A Iluminação pública como elemento de composição da paisagem urbana**. Curitiba, PR. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação, UFRS, 2005.
- SÃO LUIS ILHA DO MARANHÃO E ALCÂNTARA**. Guia de Arquitetura e Paisagem, São Luís, 2008, 444p.
- SASAKI, Kiyoshi. **Elements & Total Concept of Urban Landscape Design**. Graphic SHA, Tokyo, 2001.
- SAYEGH, Simone. **Ordenar o vazio**. Revista AU, São Paulo, ano 24, n 189, dezembro de 2009.
- SERRA, Josep Ma. **Elementos Urbanos**. Barcelona, 1996.
- MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Fancine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora Imprensa, 2003.
- VAZ, Nelson Popini. **La Place Publique comme espace de communication**. 2003. Tese (Doutorado). Université de Paris XII – Val de Marne. Institut d'Urbanisme de Paris, Paris, 2003.
- WIKIPEDIA. **Praça**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a>>. Acesso em 01 de novembro de 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Uso e Ocupação do Solo

APÊNDICE B - Implantação

APÊNDICE C – Perspectivas